

MIGUEL CARMO DE OLIVEIRA MELLO

João Alberto Novis Gomes Monteiro

Corria o ano de 1877 quando, em Cuiabá, a 8 de maio, nasceu o último dos cinco filhos de João de Oliveira Melo e Maria Vila Forte Melo.

* * *

Jamais poderia eu, continuar esta história, sem abordar a heróica figura do pai e modelador do caráter do recém-nato:

Natural de Maceió, capital da então Província das Alagoas, onde nasceu a 5 de fevereiro de 1836, dedicou-se à carreira das armas e, atingindo o posto de segundo tenente, foi transferido para o Corpo de Artilharia de Mato Grosso. Em 1861 já servia no Forte de Coimbra, à margem do rio Paraguai, abaixo de Corumbá. Ali, em 1864, viu-se envolvido na guerra contra o ditador Solano Lopes. Teve destacado papel na defesa da sua cidadela repelindo, por várias e sucessivas vezes, as ondas de assalto de um inimigo, ao fim, vitorioso pela grande superioridade numérica e de recursos bélicos. Retirando-se para Corumbá, viu-se obrigado a cumprir a vergonhosa ordem superior de abandonar a cidade, sem reagir ao invasor, a 2 de janeiro de 1865. Porém, foi um dos poucos oficiais de brio que, inconformados, não se atemorizaram com a rápida aproximação do poderoso usurpador. Assim, o tenente Melo, recusa o transporte a que, como oficial, tinha direito, preferindo ser solidário com, paisanos e tropa, fugitivos deixados ao abandono. Colocando-se à frente de 400 pessoas, dentre estas 230 praças, conduziu-as a salvo, através do Pantanal bruto, numa sacrificada jornada de quatro meses em época chuvosa; e, a 30 de abril, chegava à Capital onde foi recebido como herói, pelo povo e autoridades. Posteriormente, ainda teve importante participação nesta guerra, inclusive na retomada de Corumbá, quando foi comandante da 5ª Companhia do Batalhão de Antônio Maria Coelho. Pela sua exemplar conduta nestes episódios fez jus à alcunha de "Melo o Bravo". Pelo mesmo motivo temos, em Cuiabá, uma rua denominada General Melo. Depois do conflito, estabeleceu-se nesta cidade onde constituiu família. Morreu afogado, em um acidente, no rio Cuiabá, na Usina Conceição, a 17 de abril de 1899. Contava, então, 63 anos e era general de divisão reformado.

.....
Como muitos defensores do Forte de Coimbra, Melo "o bravo" tinha

uma especial devoção pela Santa padroeira dessa fortificação - Nossa Senhora do Carmo - daí a origem do nome que deu ao seu caçula, Miguel Carmo, que, como cidadão, muito se destacou na sua profissão e nos campos político, administrativo e literário.

Miguel Melo fez o seu curso primário e o secundário em Cuiabá, sempre como bom aluno.

Em 1897 partia da sua terra natal, enfrentando a longa viagem via rio da Prata e subindo o nosso litoral Sul, até o Rio de Janeiro, onde iria matricular-se na Escola Militar, talvez influenciado pelo belo exemplo paterno.

No ano seguinte, reconhecendo a sua falta de vocação para a carreira, desliga-se da Escola Militar da Praia Vermelha e passa a ter como objetivo a Escola Politécnica, onde ingressa em 1899. Era início de um curso reputado, na época, como o mais difícil do país. Mas, como a vida é feita de momentos - uns felizes, em contraste com outros de infelicidade - para taldar a sua alegria da aprovação e do início do curso, recebe, logo após, a triste notícia do falecimento do pai.

Foi um aluno brilhante! Quando cursava os dois últimos anos de engenharia, por nomeação, exerceu as funções de Assistente da cátedra de Astronomia e Geodésica e, por impedimento do titular, durante todo este período, ministrou as aulas do currículo com evidente capacidade. Formou-se engenheiro civil em 1904, classificado como primeiro aluno da turma.

Pelo seu brilhantismo teve como recompensa, um prêmio de viagem aos Estados Unidos, onde fez longo estágio de aperfeiçoamento. Retornando à Pátria, dedicou-se ao magistério e à profissão na qual destacou-se como muito capaz, mesmo em época em que cintilavam no Rio de Janeiro grandes astros da engenharia nacional como Pereira Passos, Sampaio Correia e outros notáveis. Porém, jamais escondeu os seus dois maiores desejos: constituir família e retornar ao seu Mato Grosso, tão carente de engenheiros.

Casa-se com a sua prima-irmã, Adelaide Vila Forte Melo, com quem teve dois filhos: Marina de Oliveira Melo e Miguel de Oliveira Melo.

Muito saudoso da terra natal, em 1913 retorna a Cuiabá onde, associando-se ao seu colega Alfredo Magalhães, passam a trabalhar sob o nome de "Magalhães e Melo", em construções civis. Da capital da República trouxe o seu entusiasmo, a sua capacidade profissional, o amor à terra-berço e...uma profunda mágoa: a sua esposa não o acompanhou.

Como empreiteiros do Governo do Estado, constroem o Palácio da Instrução, o Grupo Escolar Senador Azeredo e a ponte sobre o rio Coxipó-Açú, no Distrito da Guia, em Cuiabá. Em Corumbá, instalam o serviço de abastecimento de

água da cidade.

Com o rápido desenvolvimento de Campo Grande, exigindo a sua constante presença à frente das obras ali contratadas por sua empreiteira, em 1916 Miguel Melo muda-se para aquela cidade sulina.

No governo do presidente, General Caetano Albuquerque, retorna a Cuiabá para exercer as funções de Chefe de Polícia e, posteriormente, de Secretário da Agricultura do Estado. Em 1917, com a intervenção federal, após o impedimento do general-presidente a quem servia, volta a Campo Grande e à administração de sua empresa.

Em 1918, no governo de D. Aquino Correia, foi para Corumbá como fiscal das obras do Grupo escolar Luís de Albuquerque e, ao mesmo tempo, das minas do Urucum.

Em 1919 participa da demarcação dos ervais da fronteira com o Paraguai.

Retorna a Campo Grande, em 1920, onde exerceu as funções de Engenheiro da Prefeitura Municipal.

Durante a revolução de Isidoro Dias Lopes e a invasão do território mato-grossense pela Coluna Prestes (1925-1926), foi incumbido, por nomeação do general Malan, então comandante da Circunscrição Militar, de organizar e chefiar as forças patrióticas incumbidas de dar combate ao invasor. Mas, as qualidades militares do pai não se transmitiram geneticamente ao filho que não teve sucesso como soldado-Melo, desta vez, se confirmava vocacionalmente como o civil preparado para brilhar em sua profissão de engenheiro e na vida pública. Contudo, não sendo omisso ou covarde, em 1932, volta a participar de um movimento armado, abraçando a causa da legalidade.

Sua atuação política foi marcante: vereador por Cuiabá e por Campo Grande, nas duas ocasiões ocupando a presidência da Câmara, intendente de Campo Grande; deputado estadual em várias legislaturas e deputado federal, eleito como classista, na qualidade de representante da Associação de Imprensa de Mato Grosso.

Volta a ocupar a Secretaria de Agricultura do Estado em 1936, no segundo governo do dr. Mário Corrêa.

De 1947 a 1951, com Arnaldo Figueiredo como governador, foi diretor da Comissão de Estradas de Rodagem de Mato Grosso.

Como jornalista, além de redator do "Correio Mato-Grossense", colaborou com vários outros jornais do Estado.

Deixou inacabada a biografia do seu pai a qual, nos seus últimos dias, se dedicava com amor e zelo.

Foi um dos fundadores da Associação Mato-grossense de Imprensa e um dos primeiros sócios efetivos do Instituto Histórico de Mato Grosso - mais tarde Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso - que, desde a sua fundação, se apresenta como o maior guardião da Memória mato-grossense.

Quando, a 7 de setembro de 1932, o Centro Mato-grossense de Letras passou à denominação de Academia Mato-grossense de Letras, com a devida reestruturação e o aumento do número de Cadeiras, a Miguel Melo foi destinada, pelos luminares da intelectualidade da época, a Cadeira de número 3 - sob o patrocínio de Ricardo Franco de Almeida Serra. Por uma curiosa coincidência, esta Cadeira número 3, desde o seu Patrono, vem sendo ocupada por alguém que teve ligação com o Forte de Coimbra - vejamos: Patrono - Ricardo Franco, heróico defensor do forte; Fundador e 1º ocupante - Miguel Melo, filho de outro valoroso combatente na defesa daquela praça; Segundo Titular - Lécio Gomes de Souza - general-médico que serviu, por longos anos, na 2ª Brigada Mista, em Corumbá, a qual pertence aquela fortificação também atendida por ele e, por cujo falecimento, encontra-se vaga.

O dr. Melo, só não era um solitário porque a sua casa vivia cheia de amigos. Por duas vezes preparou a sua morada para receber a esposa que jamais cumpriu a promessa de acompanhá-lo a Mato Grosso. Restou-lhe a companhia dedicada da “dona Bem”, serviçal que o cuidava com devoção e estava sempre pronta para o preparo de recepções a convidados e amigos.

Inteligente, rápido de raciocínio, culto, prestativo e ponderado, via respeitados os seus conselhos e opiniões nos campos político, administrativo e profissional. Entrevistei vários de seus funcionários - ex-servidores da extinta Comissão de Estradas de Rodagem - e ouvi deles uma opinião unânime: “O dr. Melo foi um chefe de exemplar conduta”.

Das suas várias citações em momentos difíceis, os amigos lembram: “Não há situação desesperadora...há desesperados”. e “Vamos esfriar a cabeça, parar para pensar, e tudo se resolverá com eficiente clareza”.

Amava seu viver e, já idoso, costumava dizer: “Só uma frustração levo da vida: o não poder viver mais vinte anos. Gostaria de ver todas as evoluções pelas quais o mundo vai passar”.

Todos os que com ele conviveram sentem saudades da sua agradável e fortificante companhia.

Dos seus negócios particulares, como mostra do seu amor pela Natureza, possuía duas chácaras: uma, estância leiteira, denominada “Retiro”; e outra, onde mais tarde foi a Boite Sayonara - antiga chácara do Gardéz - ambas no Coxipó.

Veio da sua "Retiro", por muito tempo, na minha infância, o fornecimento do leite para a nossa casa.

Miguel do Carmo de Oliveira Melo faleceu, na mesma Terra que o viu nascer, em setembro de 1961, aos oitenta e quatro anos de idade.

Agora, quando das comemorações dos 75 anos do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso lembramos os seus fundadores e primeiros sócios, sou grato, ao dr. Melo por ter deixado, com o seu viver neste mundo, um motivo para escrever uma bela página, nesta época tão carente de bons exemplos.